



Machismo ou 'tradição inofensiva': por que mulheres ainda mudam de sobrenome ao casar?

Disponível em:

<https://www.facebook.com/303522857815/posts/10157626583892816/?sfnsn=wiwspwa>

Existem, é claro, vários motivos particulares pelos quais uma mulher pode querer deixar seu nome de solteira, desde não gostar de como ele soa até querer se dissociar de membros ausentes ou abusivos da família. Mas, por meio de uma revisão dos estudos já feitos e de entrevistas detalhadas com casais recém-casados e noivos no Reino Unido e na Noruega, a equipe de Duncan identificou duas motivações principais que impulsionam a tradição.

A primeira foi a persistência do poder patriarcal, fosse isso óbvio para os casais ou não. A segunda, o ideal da "boa família" — como se ter o mesmo nome do parceiro simbolizasse compromisso e unisse o casal e filhos em potencial como uma coisa só. A pesquisa da equipe sugere que a mudança de sobrenome das mulheres está, sem surpresa, ligada à sobrevivência de outras tradições patriarcais, como pais dando permissão a noivas e homens sendo mais propensos a pedir em casamento. Esses elementos, diz Duncan, passaram a fazer parte do "pacote de casamento" ideal para muitos casais.

A 'boa família'

A segunda tendência central observada pela equipe de Duncan é mais sobre as percepções sociais. Eles concluíram que assumir o nome de um parceiro continua sendo visto como uma forma de mostrar seu compromisso e união para os outros. "Sinto que isso nos dá uma identidade como família e não apenas como indivíduos", concorda Lindsey Evans, da Califórnia. "Temos nosso próprio nome e nome do meio, o que nos torna particulares; mas ter um sobrenome em comum nos dá unidade."

A pesquisa de Duncan descobriu que essa narrativa da "boa família" era especialmente forte entre as mulheres que tiveram filhos. Até mesmo algumas das que inicialmente se recusaram a adotar o sobrenome do marido mudaram sua identidade após o parto. "Quis fazer isso para ter uma melhor conexão com meu filho — não apenas em forma de um relacionamento amoroso, mas no papel", reflete Jamie Berg, 36, dançarina e ginasta nascida nos Estados Unidos e moradora de Oslo.

Depois de manter seu próprio nome por vários anos, em grande parte porque isto era importante para sua identidade profissional, ela acrescentou o nome do marido ao seu passaporte e outros documentos formais quando seu filho nasceu — "para que nós três tenhamos o mesmo sobrenome". Ela acreditava que isso pudesse evitar também problemas administrativos, por exemplo, ao viajar para o exterior com o pequeno.

O estudo de Duncan destacou outra impressão comum entre muitos pais: que os filhos pudessem acabar confusos ou infelizes por conta dos pais terem nomes diferentes. Mas ele argumenta que, embora não seguir com normas sociais possa criar desconforto para os adultos, pesquisas sugerem um impacto mínimo sobre as crianças — com a maioria não se sentindo confusa sobre quem é da família, independentemente do sobrenome.

Desprezo ao feminismo?

Estudiosas e estudiosos estão divididos sobre o papel da mudança de nome em um cenário de esforços para alcançar a igualdade de gênero. Duncan descreve o hábito como "muito perigoso" — que os casais estejam abraçando ativamente a tradição ou simplesmente a incorporando por conveniência - "Isso perpetua a ideia de que o marido tem autoridade, reproduzindo a tradição de que o homem é o chefe da família", diz ele.

Esse argumento é fortemente apoiado por mulheres como Nikki Hesford, uma empresária de 34 anos do norte da Inglaterra. Ela agora está divorciada, mas se recusou a usar o nome do ex-marido quando eles se casaram e diz que fica chocada com o fato de que poucas esposas fazem o mesmo. "As mulheres reclamam que acabam sendo o cuidador principal, quem tem que faltar o trabalho quando um filho está doente, que precisa ir a consultar médicas, que sofre na carreira... Mas elas abriram esse precedente no início, dizendo: 'Você é mais importante do que eu, você vem primeiro e eu em segundo'", argumenta. "Algumas pessoas dizem: 'Você está problematizando demais, é apenas uma boa tradição e não significa muito'. Eu discordo."

No entanto, Hilda Burke, uma conselheira de casais e psicoterapeuta atuando em Londres, acredita que as mulheres que rejeitam incorporar sobrenomes não devem julgar as outras. Ela observa que os conceitos de "romance à moda antiga", muito



reforçados por filmes, pela literatura e pelas revistas, foram amplificados na era das redes sociais.

"Mesmo que essas mulheres se identifiquem como feministas, esse tipo de estilo de vida que elas estão retratando é muito mais uma amostra do ideal romântico." Ela diz que, para muitas, mudar para o sobrenome do marido também é uma decisão pragmática — por exemplo, para agradar parentes mais velhos ou evitar maiores explicações em encontros sociais. E isso não significa que essas mulheres não se importem com a igualdade de gênero.

"Este é um exemplo da dissonância de ter um ideal feminista versus a vida cotidiana", diz ela. "Elas pensam: 'Quer saber? Eu continuo trabalhando. Continuo sendo promovida. Eu não desisti. Então, quer saber? No cenário geral, continuo sendo feminista'." Outro argumento é que o feminismo trata basicamente de dar às mulheres liberdade de escolha. Isso significa que, desde que eles possam decidir por si mesmas, sem pressões externas, o nome que querem, não deve importar se isso está de acordo ou vai contra as normas patriarcais.

"Ele nunca me disse: 'Quero que você incorpore meu sobrenome'. Em vez disso, eu que trouxe a proposta para a mesa", diz Evans, da Califórnia. "Como feminista, sou capaz de tomar a decisão do que é melhor para mim, sem me preocupar com os papéis de gênero."

Para debater!

1. O que mais chamou a sua atenção no texto?
2. Que papel o sobrenome desempenha na construção de nossa identidade social, familiar e pessoal? Você mudaria seu sobrenome para o de seu(sua) parceiro(a)?
3. Qual a sua opinião sobre o fato de as mulheres mudarem de sobrenome quando se casam? Quais consequências culturais (positivas e negativas) você acha que a eliminação ou manutenção desta tradição teria sobre as relações entre homens e mulheres?
4. Quão atual e importante é esta tradição em seu país? Há alguma discussão?
5. Você acha que existe alguma relação entre a ideia de “romance” e a construção de relações de poder? Justifique sua resposta
6. Segundo Hilda Burke “os conceitos de "romance à moda antiga", reforçados por filmes, pela literatura e pelas revistas, foram amplificados na era das redes sociais.” Qual a sua opinião?
7. Você acha que é importante realizar este debate hoje?

Refletindo sobre a nossa língua...

Você sabia que...

“noivos” são “prometidos” e que “namorados” são “novios”?

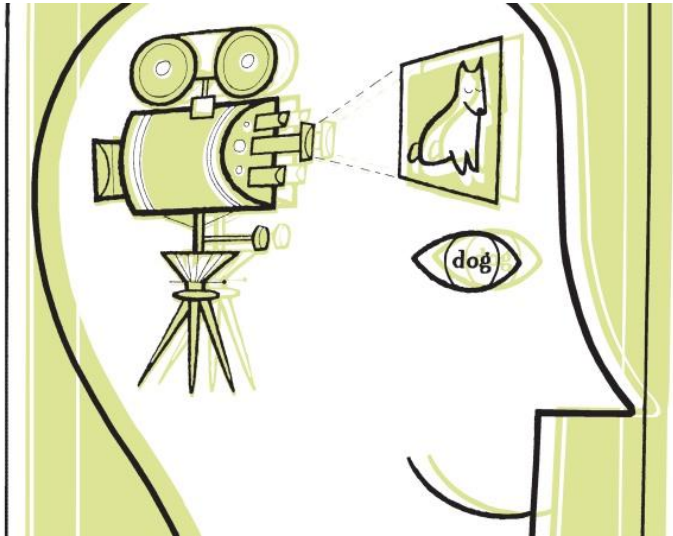
“esposa” é somente uma referência à mulher casada e que “algema” é o par de argolas de ferro com que se prende alguém pelo pulso? E em espanhol?

Traduza para o espanhol a frase a seguir e comente as proximidades e diferenças entre os dois idiomas.

"Temos nosso próprio nome e nome do meio, o que nos torna particulares; mas ter um sobrenome em comum nos dá unidade."



El mecanismo del cerebro que explica los déjà vu



La mayoría de nosotros hemos experimentado alguna vez un déjà vu, la sensación de reconocer una experiencia como si la hubiéramos vivido antes, aunque sepamos que es la primera vez que la vivimos. Sin embargo, a pesar de ser tan común, aún no está claro qué causa esta sensación. Akira O’Connor, psicólogo y neurocientífico de la Universidad de Saint Andrews (Escocia) nos ha explicado su teoría por correo electrónico: es un mecanismo que usa el cerebro para comprobar que nuestra memoria funciona perfectamente.

¿Por qué se producen los déjà vu?

O’Connor hizo resonancias magnéticas a 21 participantes en un estudio a quienes se les había provocado un déjà vu. Lo previsible era que se activaran las áreas del cerebro dedicadas a la memoria, como el hipocampo, pero se pusieron a trabajar las zonas dedicadas a la toma de decisiones.

En su opinión, esto significa que los déjà vu ocurren cuando las regiones frontales del cerebro están revisando nuestros recuerdos en busca de algún tipo de error en la memoria, lo que provocaría este conflicto entre la sensación de recordar algo y el hecho de que sepamos que no hemos vivido ese momento antes.

El cerebro “intenta resolver este conflicto” y “lo atribuye a señales erróneas de la memoria”: “Notamos una extraña inconsistencia en nuestros recuerdos, pero seguimos nuestra actividad con normalidad, sin modificar nuestro comportamiento”. Es decir, no dejamos de hacer lo que ya estamos haciendo solo porque pensemos que lo hemos hecho antes.

¿Hay gente con más tendencia a tener déjà vu?

Sí, “pero no sabemos por qué”. Podría ser que “algunas personas tuvieran una menor tendencia a detectar errores en sus recuerdos”. Si el cerebro no detecta estos errores puede ser porque su sistema de comprobación no está funcionando todo lo bien que debería, lo que podría provocar errores a la hora de recordar acontecimientos. Pero también podría suponer todo lo contrario: que su memoria apenas se equivoca.

Además de eso, “hay ciertas situaciones asociadas con más déjà vu. Dormir poco es una de ellas. También influyen algunas condiciones concretas como la epilepsia, la psicosis provocada por anfetaminas y también el efecto de ciertos medicamentos”.

Otro aspecto interesante es que “los déjà vu tienden a disminuir con la edad”. Es posible que el cerebro vaya calibrando su percepción de los recuerdos en busca de posibles errores a medida que se va desarrollando. También podría significar que nos resulta más difícil detectar errores con la edad. Como aclara el propio O'Connor, “es importante dejar claro que esto es puramente especulativo”, aunque está hipótesis concuerda con los resultados de su experimento.

¿Pueden ser un problema?

Sí, cuando son demasiado frecuentes: “Algunas personas experimentan déjà vu problemáticos” y los sufren de modo persistente. Algunas de ellas padecen algún tipo de demencia, pero en otros casos “no hay razón aparente”. Lo peor es que “no parece que esto se pueda tratar, aunque este aspecto no se ha estudiado en profundidad. Parte del problema es que es muy difícil acceder a estas personas para investigar de modo sistemático qué funciona y qué no”.

No es fácil vivir así: el psicólogo Paul Reber habla en Scientific American de un artículo que recogía la experiencia de dos personas con “una sensación persistente y recurrente de déjà vu” tan intensa que “se negaban a leer el periódico o a ver la televisión porque sentían que ya lo habían visto todo antes”. También tenían problemas al hacer la compra porque creían que ya habían adquirido esos productos

en otro momento. “Los investigadores descubrieron que tenían lesiones en las regiones temporales y frontales”, que son las que se activan en las resonancias de O’Connor a pacientes sanos.

¿Cómo se estudian los déjà vu en el laboratorio?

Para inducir la sensación de déjà vu, O’Connor y su equipo leían a los sujetos una lista de palabras relacionadas, como cama, almohada, noche, sueño... Pero no la palabra que las unía a todas ellas, en este caso, dormir. De hecho, si en estas circunstancias se preguntara a los participantes si creían haberla oído, muchos tendrían el recuerdo falso de que es así.

Pero lo que hacía O'Connor era preguntarles si habían oído alguna palabra que comenzaba por la letra d, a lo que ellos contestaban que no. Y después les preguntaba si habían oído la palabra “dormir”. Los participantes eran conscientes de que no podían haberla escuchado (comienza por d), pero al mismo tiempo les resultaba muy familiar.

Un problema de estos métodos, explica O’Connor, es que “los participantes a menudo nos dicen a los investigadores lo que queremos oír, que hemos generado déjà vu, en lugar de lo que sería una mejor representación de la situación, que hemos generado algo que se parece al déjà vu”. Es decir, “no es un déjà vu real, sino un análogo experimental que los participantes aseguran que provoca una sensación similar al déjà vu”.

Disponible en:
https://verne.elpais.com/verne/2017/04/10/articulo/1491838302_593606.html

¡A DEBATIR!

- 1. ¿Qué fue lo que más te llamó la atención del texto?
- 2. ¿Alguna vez has experimentado un Déjà Vu? si la respuesta es sí, comparte con tu compañero(a) la sensación que esto te generó.
- 3. Algunas teorías afirman que el Déjà Vu podría ser un guiño de nuestra mente presente hacia otros planos espacio-temporales. ¿Qué piensas sobre esta afirmación? ¿Existirán otras dimensiones interconectadas?
- 4. ¿Consideras posible que se generen recuerdos en tu memoria de acontecimientos que nunca pasaron? Si revisas los recuerdos que tienes de tu infancia o de tu vida en general, ¿tendrías como asegurar que todo lo que recuerdas realmente sucedió?
- 5. Se dice que existen tres tipos de Déjà Vu: El Déjà Vecu (en donde tenemos la sensación de haber vivido la situación del presente antes sin haberla vivido), el Déjà Senti (donde experimentamos un sentimiento que parece del pasado sin saber de dónde se origina o si realmente existió) y el Déjà Visité (que pasa cuando se mandan señales de que hemos visitado un lugar que en realidad nunca hemos visto antes). Teniendo en cuenta que el estudio señala que estas manifestaciones se generan a partir de señales erróneas de la memoria, ¿hasta qué punto podemos confiarnos de nuestra percepción de realidad?

Reflexionando sobre nuestra lengua...

¿Sabías que...

“almohada” es “travesseiro” y “almohadón” es “almofada”?

Comenta con tu compañero(a) los contextos de uso del verbo “extrañar”.

Traduce al portugués el siguiente fragmento y comenta las semejanzas y diferencias entre los dos idiomas. ¡OJO con lo que está en **negrita**!

“¿Hace mucho que no tienes ningún 'déjà vu'? Eso es porque te haces mayor”